

Pastore afirma que há muita boa vontade dos banqueiros

Heitor Tepedino, enviado especial

Nova Iorque — Após se reunir com o Comitê dos 14 bancos encarregados da coordenação da dívida externa brasileira, o presidente do Banco Central, Affonso Pastore, afirmou que sentiu "a boa vontade dos banqueiros", no sentido de ampliarem a cooperação com o Brasil. Pastore reuniu-se também com banqueiros brasileiros em Nova Iorque, para dar a orientação sobre a política traçada pelo governo brasileiro no futuro, que é de exigir a liberação dos recursos atrasados nos projetos já assinados, bem como de solicitar novo "bridge loan" de US\$ 3 bilhões, como antecipação dos US\$ 6,5 bilhões aprovados junto ao FMI pelos banqueiros.

Por seu lado, o diretor da área Bancária do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, garantiu que as conversações vem progredindo, dentro das expectativas e que esperamos chegar a bom termo nos próximos 60 dias. Serrano acrescentou que entre fins de outubro e meados de novembro é possível contar com recursos antecipados relacionados com a fase dois do programa de financiamentos do programa brasileiro.

Acompanhando esses trabalhos, o ministro Ernane Galvães, da fazenda, evitou participar diretamente das negociações junto

aos 14 bancos do Comitê, mas está convencido de que a partir de agora o Brasil tem mais condições de impor as suas pretensões ao mercado financeiro internacional. Na opinião de assessores de Galvães, existe um clima mais favorável para o Brasil, o que é sentido junto aos bancos internacionais e aos próprios órgãos como o FMI e o Banco Mundial.

Já o diretor da Área Externa do Banco do Brasil, Antonio Macedo, afirmou que já existe um clima muito tranquilo nas operações desta instituição no mercado internacional. Isto, segundo ele, significa que está ultrapassada a fase de dificuldades que o Banco do Brasil passou até recentemente, pela saída de muitos bancos do mercado interbancário. A principal agência do Banco do Brasil no exterior, a de Nova Iorque, afirma que o mercado está muito mais calmo, o que quer dizer que aqueles bancos que, na fase difícil, tinham cortado o crédito brasileiro, agora já começam a retornar.

Desta forma, tudo indica que o Brasil inicia uma nova fase de negociações, passando a pressionar os banqueiros internacionais, sob o fundamento de que a sua parte está sendo cumprida. Resta, no entanto, o Decreto 2.045, que ainda é uma incógnita, embora no exterior considere-se imprescindível a sua aprovação.